

KARIN WONDRAECK

Caminhos da Graça

Identidade, crescimento
e direção nos textos da Bíblia



Editora Ultimato
Viçosa, MG

SUMÁRIO

Introdução 9

CHAMADOS A CAMINHAR

E nós, para onde vamos?
O chamado de Moisés 13

CAMINHOS DA GRAÇA

Caminhos da culpa, caminhos da graça
A parábola do filho pródigo 25

O banquete da graça
Simão e a pecadora 45

Da desgraça à graça
O livro de Rute 51

Perdão tamanho família
A parábola do credor sem compaixão 71

CAMINHOS DA DOR

Os meandros da linguagem
A cura de um surdo-mudo 79

Os traumas e suas elaborações
José do Egito 85

O sofrer e o cuidar 95

CAMINHOS DA SEXUALIDADE

Afinal, o que quer uma mulher? <i>Diálogos com a samaritana do poço</i>	101
O cuidado das fontes <i>Caminhos e descaminhos da sexualidade feminina</i>	117
"Descansa, come, bebe e regala-te" <i>Reflexões sobre o homem metrosssexual</i>	123

CAMINHOS DO AMADURECIMENTO

Da infância à maturidade <i>Reflexões a partir de duas curas</i>	133
Amadurecimento nos caminhos da dor <i>Marta e Maria</i>	143
Entre a água e o fogo <i>Os dois chamados de Pedro</i>	157
Notas	161

INTRODUÇÃO

No culto infantil, uma menina de dois anos está chorando. As professoras chamam sua mãe para consolá-la. Não sabem ao certo o motivo do choro, que começou enquanto ela escutava a parábola da ovelha perdida. A mãe aconchega a menina nos braços, ela pára de soluçar e volta a sorrir.

Anos depois, essa menina compreende que a parábola se enlaçou na angústia típica daquela idade, a de perder a mãe. A dor a invadira antes de a professora contar o final feliz, por isso apenas a presença da mãe poderia acalmar seu coração assustado.

Esse relato autobiográfico me traz à memória o quanto as histórias bíblicas me sensibilizavam desde cedo, revelando temores e consolos, medos e alegrias. Nas palavras de Paul Tillich, as histórias da Bíblia tocaram minha existência e essência. E agora elas me convidam, como psicanalista, ao livre-associar a partir de outros ângulos — da psicanálise e da vivência cristã.

Este livro narra algumas dessas trilhas pelas histórias da Bíblia. Como refletem uma caminhada de muitos anos, nem

sempre revelam o mesmo ângulo de visão e compreensão. E por fazerem parte da vida, refletem diversos tempos e estações. Se no passado a menina sentiu suas dores espelhadas na história da ovelha perdida, hoje a mulher e terapeuta se sente agraciada pela fonte inesgotável das narrativas bíblicas, fonte que a ajudou a compreender suas próprias vivências e as de outras pessoas que tem escutado no decorrer dos anos.

Por isso, os caminhos levam a muitas paragens, mesclam impressões e sentimentos, angústias e alegrias, doenças e curas, dores e paixões. Em todas, cresceu a certeza de que a Bíblia tem muito a dizer sobre a vida humana e suas estações, e revela o amor que sacia, nutre, acalma e acompanha o viver e o morrer.

CHAMADOS A CAMINHAR

1.

E NÓS, PARA ONDE VAMOS?¹ O chamado de Moisés

Ao olharmos para a caminhada de fé, muitas emoções afloram. No início, estamos cheios de ideais e interrogações. À medida que caminhamos, conhecemos a paisagem e encontramos pessoas. Os anos vão passando, deixando muitas experiências marcantes – momentos de crises e crescimentos, numa dialética conduzida pelo Senhor Deus.

A certa altura da jornada, surge a pergunta: E agora, para onde vamos?

Nessa fase da vida, já adquirimos certa estabilidade. Como adultos, temos nosso saber e nosso trabalho articulados. Porém, muitas vezes essa estabilidade acaba levando à estagnação.

Foi por temer essa estagnação que comecei a separar mais tempo para me aprofundar na Palavra de Deus, e durante essa busca me deparei com a história de Moisés, não o Moisés da infância, mas o Moisés da maturidade.

Em Êxodo 3 encontramos Moisés com família constituída, cuidando do seu sustento e apascentando as ovelhas do sogro. Enquanto cuida das ovelhas, ele sai à procura de melhores pastos do outro lado do monte. Ali, do meio da sarça, Deus fala com ele. Em meio àquela folhagem sem nenhuma importância, Deus o convoca para mudar o rumo de sua vida. Ele lhe pede para tirar as sandálias dos pés – deixar de lado as velhas proteções – e sentir a presença de Deus com a nudez dos pés. Deus queria dar a Moisés outra base, outro chão, formado por ele mesmo.

Aqui surge a primeira pergunta: Temos permitido que Deus nos fale por meio das sarças do cotidiano? Ou temos nos conformado com a rotina diária de levar as ovelhas para comer sempre do mesmo lado do pasto, o lado material?

É interessante notar que Deus se apresenta a Moisés como o “Deus de teu pai” (Êx 3.6). Aqui somos lembrados que a primeira marca que recebemos de Deus vem por meio dos pais, sejam eles biológicos ou da fé. Porém, o Moisés da sarça não é mais uma criança; já é hora de começar a ter suas próprias vivências e não se basear apenas na herança recebida.

Deus diz a Moisés que viu a aflição do seu povo e por isso o escolheu para libertá-lo. Isso nos leva a refletir que Deus está nos dizendo também que vê a aflição daqueles que estão escravizados – dentro e ao redor de nós –, entregues ao amassar de tijolos do cotidiano, sem perspectiva de vida integral.

Talvez estejamos tão absortos com o cuidado diário das ovelhas que já não escutamos mais seu clamor. Mas a Bíblia afirma que Deus ouviu o clamor do povo, seu sofrimento não lhe passou despercebido, e por isso convocou Moisés.

Como Moisés reagiu ao chamado? Ele procurou se esquivar, argumentando: “Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito

os filhos de Israel?” (3.11). “Quem sou eu?” – Moisés lança mão da velha tentativa de usar a si mesmo como referência.

Quando chegamos a certa idade, temos a tendência de medir as coisas de acordo com nosso tamanho, achando que já nos conhecemos o suficiente, principalmente quando se trata de profissionais de ajuda.

A resposta de Deus é paradoxal. Ele não afirma nada a respeito de Moisés, não constrói o seu eu, nem procura infundir nele uma auto-imagem confiante para incentivá-lo a ir. O que Deus faz é afirmar o essencial a respeito dele mesmo: “Eu estarei contigo” (3.12). Deus convida Moisés a deixar de lado o *ser* para *estar com* Deus. A partir daí, o fator decisivo na história de Moisés não depende de quem ele é, mas sempre irá remeter a essa dimensão de estar junto de um Deus que é. Deus ordena a Moisés que o revele ao povo através dessa linguagem do ser: “Eu sou o que sou [...] este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração” (3.14-15).

Observamos aqui uma dialética de atividade-passividade, à medida que Deus manda Moisés agir totalmente baseado na capacidade do Eu Sou. Talvez tenha sido por essa razão que Deus escolheu alguém com dificuldade para falar, pois isso impediria Moisés de confiar demasiadamente em si mesmo em vez de depender de Deus. O propósito de Deus é fazer com que, através do seu conhecimento, tenhamos uma visão diferente de nós mesmos, de nossas capacidades e de nossos pontos fracos. Quando atingimos a maturidade, somos capazes de identificar nossos pontos fracos, e a tendência é fugir deles. Como reagir a um chamado que evidencia nossas fraquezas?

O Deus da maturidade é um Deus que nos tira do cotidiano e nos chama ao deserto. Ali ele irá nos despojar do nosso saber e nos preparar para lutar contra tudo aquilo que nos

escraviza. Deus quer que o adoremos em um lugar diferente. Esse lugar está dentro de nós mesmos, é o lugar da libertação e também do nada: o deserto.

Quais os recursos que Deus coloca em nossas mãos? Em Êxodo 4.2 Deus pergunta a Moisés: “O que tens na mão?” Moisés responde: “uma vara”. Temos novamente um paradoxo – a vara é um símbolo de autoridade, mas pode se transformar em cobra. Precisamos tomar cuidado com os símbolos de poder, pois eles podem ferir e até mesmo matar. Aprender a controlá-los também é um milagre de Deus. Só ele pode transformar a cobra em guia!

Quantas vezes ouvimos contar de pessoas bem-sucedidas que se deixaram “morder” pelos símbolos de poder em suas mãos. Em linguagem psicanalítica, elas confundiram *ter* a potência com *ser* a potência – um lugar impossível, que só pertence a Deus. Talvez seja esse o significado das palavras de Paulo ao afirmar que “temos este tesouro em vasos de barro”.² Podemos também aqui traçar um paralelo com a psicanálise, na medida em que conhecer o *Isso*³ que está em nós nos ajuda a torná-lo “eu”. Quando reconhecemos que nossa estrutura é de barro, podemos perceber o ataque da pulsão de morte, do desligado, do arcaico não domado dentro de nós, que irrompe na forma de pecado, de errar o alvo.

O episódio narrado em Êxodo 4 é significativo. Deus ordena a Moisés que coloque a mão no peito, e ao tirá-la ela está leprosa, indicando que a doença que pode nos impedir de fazer a nossa parte vem de dentro de nós. Em seguida, Deus cura a mão de Moisés, que será usada mais tarde para mostrar sua grandeza.

Só quando reconhecemos nossas fraquezas e limitações é que Deus pode nos usar plenamente, pois isso elimina

qualquer pretensão de nossa parte e evidencia a grandeza de Deus. Precisamos submeter a ele todas as coisas: a vara, a mão leprosa, a gagueira – tanto o que é forte como o que é doente ou defeituoso.

O contato com a gagueira, com a lepra e com a cobra possibilita o preparo para a missão. Deus diz a Moisés: “Eu serei com tua boca e te ensinarei o que hás de falar” (Êx 4.12). Além disso, ele envia Arão para ajudá-lo. O trabalho em conjunto de Moisés e Arão torna possível a missão, lição ainda válida e nem sempre seguida no corpo de Cristo.

Porém, surge outro paradoxo: o povo se recusa a sair quando surgem os primeiros obstáculos (Êx 5). Deixar o Egito, mudar para um lugar desconhecido significava lutar contra o feitor, que apesar de manter o povo escravizado, era conhecido. Depois da jornada de trabalho, o povo recebia algumas cebolas e um pouco de carne, e isso lhe bastava. Quantas vezes nós também não nos contentamos com algumas “cebolas e carnes”, que disfarçam a escravidão do cotidiano? O que nos mantém escravizados? O que nos impede de seguir para o deserto, onde teremos novas revelações do Eu Sou?

O Egito nem sempre foi um lugar ruim. Nos primórdios da história do povo de Israel, o Egito foi o lugar de salvação, oferecendo abrigo, comida e terra ao povo da tribo de Jacó, que lá chegou em busca de melhores condições de vida.

Isso nos leva a pensar que muitas vezes nos tornamos escravos de coisas que já foram muito importantes e até vitais para o nosso amadurecimento, mas que já não têm serventia na maturidade. O que foi importante para a infância espiritual já não serve para a maturidade – esta é a proposta de Deus para o seu povo. Precisamos abandonar a paixão pelo oral, pelo alimento concreto infantil e deixar que ele nos leve para o

deserto. Como a árvore, que precisa deixar cair as folhas e os frutos para que apodreçam e se tornem adubo, para então surgir uma nova floração.

QUAL É O MEU EGITO?

Não é fácil deixar o lugar da infância e partir para o deserto. Muitas vezes é preciso sofrer com algumas pragas para “deixar ir”. Os sonhos infantis que serviram de alimento para nossas primeiras batalhas e sublimações podem se tornar uma obsessão e nos manter prisioneiros. Temos alimentado ilusões que nos escravizam?

O povo de Israel teve que se preparar durante quarenta anos para deixar o Egito. Não era somente o Faraó que não acreditava no chamado de Deus, o povo também não acreditava nesse Deus que o convocava. Deus faz menção a esse fato quando diz: “Pelo meu nome, o ‘Senhor’, não lhes fui conhecido” (Êx 6.3b). E continua: “E sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas [corvéias] do Egito” (v. 7). A palavra “corvéia” significa trabalho imposto e pesado. Simbolicamente, representa nosso esforço para manter os sonhos da infância.

A Bíblia inteira nos convida a conhecer mais sobre Deus, como em Efésios 1.17: “Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele”. Ele nos amou primeiro⁴ e quer que estejamos arraigados no seu amor. Só na intimidade do seu amor perderemos o temor de seguir para o deserto, pois só o perfeito amor lança fora o medo.⁵ Por isso o conhecimento de Deus e do seu amor é fundamental:

precisamos saber quem é esse Eu Sou que nos chama para caminhar com ele.

O que significa conhecer a Deus pelo nome? As tribulações, as pragas e as libertações são formas de conhecê-lo. Quem não o conhece pelo nome é porque prefere continuar escravo. Como está o nosso conhecimento de Deus? Qual a imagem que temos de Deus na maturidade? Temos passado tempo na sua presença e permitido que ele se revele de outras formas? Ou estamos endurecidos como o Faraó, que só se deixou convencer depois da última praga, com a morte do filho amado?

Por quantas pragas teremos que passar até amolecermos o coração e deixarmos a alma e o espírito saírem do Egito para cultuarem a Deus no deserto? Deus nos convida a abandonar as tarefas vãs – o amassar de tijolos para o Faraó do Egito – para cultuá-lo.

Creio que atingimos a maturidade quando aprendemos a “deixar cair” tudo que já não serve mais para nada. Quantas vezes nos mantemos presos a rituais escravizantes em troca de umas poucas cebolas!

Deus leva o povo ao deserto e estabelece novos costumes: os pães sem fermento da pressa e o cordeiro como símbolo de salvação. O sangue do cordeiro representa livramento para os primogênitos de Israel, porém para os primogênitos do Egito significa morte.

Simbolicamente, nosso lado Israel é lavado pelo sangue do Cordeiro de Deus, enquanto que nosso lado “Egito” precisa morrer para podermos sentir a grandeza do chamado de Deus. A salvação depende somente da graça de Deus, por meio do sangue do Cordeiro, que tira o pecado do mundo. Não por

nossos méritos ou pela nossa capacidade de “amassar tijolos”. É Deus quem abre o mar para que o encontremos no deserto.

O deserto é um lugar de extremos, e é para lá que Deus leva o seu povo, por uma rota mais longa, para que não se arrependa e volte para os tijolos (Êx 13.17). Muitas vezes Deus nos faz dar voltas para podermos conhecê-lo verdadeiramente.

O terapeuta é diariamente confrontado com o sofrimento e com a escravidão da psicopatologia. Esse contato diário pode provocar calos em nossa sensibilidade, impedindo-nos de conseguir tirar as sandálias para pisar na terra santa da presença de Deus.

No deserto, a dimensão do tempo muda e o silêncio do humano se instala. Se não dedicamos tempo e silêncio para o encontro com Deus – silêncio interno e externo, tempo interno e externo – nos tornamos superficiais. Podemos crescer em outros aspectos, mas espiritualmente ficamos estagnados.

Deus nos convida para uma festa no deserto. Fica aqui o desafio para que todas as gerações ouçam e atendam a esse convite!

E agora pedes para que eu saia deste Egito
tão cheio de significado
e te encontre no deserto,
e me deixe conduzir a uma nova terra.

Senhor, aqui há barro e açoitões,
mas também há cebolas e carnes,
e o que me espera no deserto?
Muitas vezes prefiro a escravidão do conhecido
ao caminho novo que me propões.

Só te conhecendo mais é que consigo me confiar
à tua nuvem e à tua coluna de fogo
nesse caminho a Canaã.

Pois por vezes a areia e o sol quente
me fazem esquecer do mel e do leite
que me prometeste.

Só com tua presença,
que renova minha veste,
alimenta minha fome e
sacia minha sede,
consegurei ir até o fim.

Quero lançar fora o medo
e contar unicamente com o Eu Sou.
Assim posso largar as cebolas e as correntes do Egito
e entrar no deserto do Sinai.